

# Póscolonizar a paz?: em busca de uma perspectiva\*

Ramon Blanco<sup>1</sup>

*“A minha alma tá armada e apontada para cara do sossego,  
pois paz sem voz, paz sem voz não é paz é medo*

*Às vezes eu falo com a vida, às vezes é ela quem diz qual a paz  
que eu não quero conservar pra tentar ser feliz”<sup>2</sup>*

## Resumo

É notório o enorme e crescente esforço tanto material quanto intelectual dedicado à transformação dos conflitos e à construção da paz pelo globo em nosso tempo. É patente também, a centralidade das Nações Unidas tanto na formulação quanto na aplicação das políticas públicas no que toca a paz internacional. Políticas públicas estas nomeadamente o *peacekeeping*, o *peacebuilding* e o *state-building*, marcadamente assentes na problemática da resolução dos conflitos, tendo assim, como cerne paradigmático o conflito, mesmo estas direcionando-se à paz. Tal problemática pode trazer consigo algumas consequências perigosas relativamente à reflexão acerca da paz, designadamente, um pensamento tecnicista e burocrático da mesma; ou então a não problematização destas mesmas políticas enquanto violências. Aqui centra-se o propósito deste ensaio. Tem como objetivo, a partir de um posicionamento crítico, discutir e desconstruir o modelo de resposta da ONU no tocante aos conflitos internacionais, observando a sua centralidade na problemática da resolução de conflitos. Busca-se observar os possíveis contributos de um pensamento no tocante à paz, assentando-se em uma diferente problemática,

---

\* Recebido em 06.04.2010

Aprovado em 10.06.2010

<sup>1</sup> Ramon Blanco é Doutorando em Política Internacional e Resolução de Conflitos pela Universidade de Coimbra em parceria com o Centro de Estudos Sociais (CES). Obteve seu Diploma de Estudos Avançados em Relações Internacionais com especialização em Estudos para a Paz e Segurança Internacional na Universidade de Coimbra (2008), e sua graduação em Administração na Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005). Enquanto Doutorando é financiado pela Fundação para Ciência e Tecnologia (FCT) - SFRH / BD / 43498 / 2008. O autor pode ser contactado e recebe comentários pelo e-mail: ramon@ces.uc.pt.

<sup>2</sup> Trecho da música “Minha Alma” do grupo musical carioca O Rappa.

a da reflexão póscolonial; tendo, conseqüentemente, como cerne paradigmático a emancipação e não o conflito. Dessa forma, faz-se possível um refletir acerca da paz muito mais sensível a um número maior de violências, fora de uma lógica binária, protagonizando e dando-se voz a quem normalmente é mero executor de reflexões exteriores acerca da paz, ou mesmo excluído de tal construção. Assim, pensa-se ser possível iniciar uma reflexão acerca da paz que não somente a paz liberal e delineando, com isso, fundamentos para a construção de uma mais sustentável, invariavelmente mais plural e inclusiva.

**Palavras-chave:** Construção da Paz . Manutenção da Paz . Transformação dos Conflitos. Resolução de Conflitos. Póscolonialismo

## 1 Introdução<sup>3</sup>

Pode-se seguramente dizer que já é lugar-comum afirmar que o *peacekeeping*, o *peacebuilding* e o *state-building* ocupam lugar central relativamente às políticas públicas internacionais no que toca a paz no nosso tempo. Centralidade esta sensivelmente perceptível ao se observar os crescentes esforços intelectuais e materiais relativos aos temas, especialmente a partir da década de noventa. Esforços esses notados, por exemplo, no âmbito acadêmico, ao se observar o elevado número de artigos (PARIS, 2000), livros, teses e revistas acadêmicas publicados (BURES, 2007) dedicados aos temas. No âmbito do terreno, observa-se o elevado e crescente número de operações de *peacekeeping* e *peacebuilding* (centralmente fundadas no *state-building*<sup>4</sup>) conduzidas, assim como no número de pessoas destacadas para tais atividades; o alargamento e, principalmente, aprofundamento no escopo das operações ao longo do tempo; assim como no número de países envolvidos nas mesmas (DANIEL; TAFT; WIHARTA, 2008, p.1). No âmbito da arquitetura de paz internacional, tal centralidade faz-se perceptível em publicações-chave, relativamente ao entendimento do que é a paz onusiana e conseqüentemente a idéia de paz inerente

---

<sup>3</sup> O texto aqui apresentado é uma versão revisada da comunicação apresentada no V Congresso da Associação Portuguesa de Ciência Política, Aveiro, 04-06 Março 2010.

<sup>4</sup> Para melhor compreensão de tal centralidade ver, por exemplo (BRAHIMI, 2007).

às políticas públicas internacionais, como a Agenda para a Paz (UNITED NATIONS, 1992) e seu Suplemento (UNITED NATIONS, 1995), o Relatório Brahimi (UNITED NATIONS, 2000) e Doutrina Capstone (UNITED NATIONS, 2008); assim como na criação da *Peacebuilding Commission* (UNITED NATIONS, 2005), e discussão do assunto no Conselho de Segurança (UNITED NATIONS, 2008).

Tanto esforço, entretanto, funda-se em reflexões muitas vezes superficiais acerca de tais dinâmicas. Baseiam-se, primariamente, em reflexões *problem-solving*<sup>5</sup> acerca da paz e relativamente às políticas públicas internacionais no tocante à mesma. Assim, forma-se uma área de estudo que, apesar de ampla e datar talvez desde as décadas de sessenta e setenta (FORTNA; HOWARD, 2008), apresenta pouca profundidade acerca de seus questionamentos. Apresentando, dessa forma, indagações limitadas pela relevância política das mesmas (PARIS, 2000, p.1), cujos estudos são, em sua maioria, caracteristicamente “sub-teorizados” (BELLAMY, 2004, p. 1) e muitas vezes, inclusive, “idiossincráticos e ateóricos” (BURES, 2007, p. 1). É justamente o pensamento crítico que vem mostrar que tal tipo de reflexão e epistemologia acerca das políticas públicas internacionais relativamente à paz nada têm de neutras, ao contrário, “[they] attempt to create and recreate a particular type of international order, [...] [where] the type of order sustained is a distinctly a liberal one” (BELLAMY; WILLIAMS, 2004, p. 8).<sup>6</sup>

Ao se observar cuidadosamente tal debate, constata-se que este é reflexo natural de uma discussão ainda mais densa, e recorrente, no âmago dos Estudos para a Paz. Discussão essa não somente ontológica, mas principalmente epistemológica e, obviamente, metodológica presente ao longo da história do campo de estudos, que passa centralmente por uma dualidade entre uma “investigação para a pacificação” e “uma investigação de tipo emancipatório”, ou então, uma “investigação liberal para a paz” e uma “investigação crítica” (WIBERG, 2005, p. 24). Dualidade

---

<sup>5</sup> Para mais relativamente à características de reflexões do tipo *problem-solving* e crítica ver (COX, 1981).

<sup>6</sup> A título ilustrativo, para mais acerca das discussões que desenrolam-se dentro de uma problemática mais crítica acerca do assunto, ver por exemplo *International Peacekeeping*, 11 (1), principalmente, (BELLAMY; WILLIAMS, 2004; BELLAMY, 2004; CHANDLER, 2004; PUGH, 2004; RICHMOND, 2004).

tal, ainda acentuadamente presente no nosso tempo (PUREZA, 2008). Se é Richmond quem apropriadamente pleiteia a centralidade da paz nas discussões da disciplina da Relações Internacionais (2008b); é Pureza quem acertadamente advoga o resgate do cariz emancipatório relativamente à reflexão a cerca da paz (2008).

Se por um lado as políticas públicas internacionais no que toca à paz são materializações concretas de reflexões teóricas (RICHMOND, 2001), por outro, a sua real e profunda transformação inevitavelmente passa por uma busca de reflexões alternativas. Dentro disso, faz-se urgente uma análise crítica acerca da problemática que alicerça o pensamento, e conseqüentemente a ação relativamente à paz no nosso tempo. Esta, fundamentalmente centrada no pensamento dos estudos de resolução de conflitos.

Assim, o presente ensaio vem argumentar que tal centralização trás uma reflexão incompleta e parcial acerca da paz. Tem como objetivo, nesse sentido, investigar quais seriam os contributos de edificar a reflexão, observação e ação no tocante a paz em uma diferente problemática, a da reflexão póscolonial. Dessa forma, em um primeiro momento, será observada a centralidade do pensamento de resolução de conflitos para as principais políticas públicas internacionais atuais, nomeadamente o *peacekeeping* e o *peacebuilding* e o relacionamento destas. Em um segundo momento, serão expostas algumas possíveis potencialidades de situar a paz dentro de uma problemática póscolonial, seguindo-se algumas considerações finais.

## **2 A paz e problemática dos conflitos**

Nada tem de impreciso em dizer que apesar de na prática as Nações Unidas atuarem relativamente à paz desde a sua criação em 1945, é somente na publicação da Agenda para Paz (1992) que são delineados concretamente não somente o seu entendimento do que é a paz, mas principalmente as políticas públicas internacionais para a sua consecução pelo globo. Dessa forma, trata-se de um documento central relativamente à paz no mundo pós Guerra Fria no qual assentam-se fundamentos e políticas que permanecerão presentes ao longo das publicações onusianas acerca da paz até as mais recentes, como o Relatório da Doutrina Capstone (2008).

Dentro das políticas delineadas e utilizadas pelas Nações Unidas, salientam-se, quer pelo elevado e crescente número de ocorrências, quer pelo alargamento e aprofundamento de seu escopo ao longo do tempo,<sup>7</sup> nomeadamente duas: o *peacekeeping* e o *peacebuilding*.<sup>8</sup> Para a ONU, o *peacekeeping* é compreendido como “a technique designed to preserve the peace, however fragile, where fighting has been halted, and to assist in implementing agreements achieved by the peacemakers” (UN, 2008, p.18). Dentro de suas atividades, pode-se dizer que estas têm sua centralidade envolvendo desde a criação de um ambiente estável e seguro; fortalecimento estatal de provisão de segurança; promoção de diálogo e reconciliação até o suporte ao estabelecimento de instituições governamentais legítimas e efetivas (UN, 2008, p. 23).

Já relativamente ao *peacebuilding*, este é definido como “a complex, long-term process of creating the necessary conditions for sustainable peace”, objetivando abordar “the deep-rooted, structural causes of [the] violent conflict” (UN, 2008, p. 18). Este tendo preocupações direcionadas à atividades como o desarmamento, desmobilização e reintegração de combatentes (DDR); atuação em minas terrestres; reforma do setor de segurança; proteção e promoção de direitos humanos; assistência eleitoral; promover a recuperação económica e social; assim como suportar a criação de instituições políticas legítimas (UN, 2008, p. 25). É justamente neste ponto, na criação de instituições políticas, que se insere o *state-building*, atividade central no tocante ao *peacebuilding* e conseqüentemente à paz (MANNING, 2003; BRAHIMI, 2007; PARIS; SISK, 2009, cap. 1).

Durante bastante tempo, a reflexão acerca destas dinâmicas, principalmente no tocante ao *peacekeeping* - uma vez que este é realizado desde meados da década de cinquenta,<sup>9</sup> ao passo que o *peacebuilding*, enquanto dinâmica internacional, é fruto dos anos noventa - ficou limitada à diplomatas e praticantes no terreno

---

<sup>7</sup> Para mais aprofundamento relativamente ao escopo das missões ver, por exemplo (PARIS, 2004, cap. 1). Para mais relativamente aos números envolvendo as operações de paz ao longo do tempo ver, por exemplo (HELDT, 2008).

<sup>8</sup> As outras são: *conflict prevention*, *peacemaking* e *peace enforcement* (UN, 2008, p. 17-18).

<sup>9</sup> Apesar das Nações Unidas estarem envolvidas na manutenção da paz desde sua fundação, a primeira missão a ser rotulada como sendo de *peacekeeping* é a UNEF I realizada em 1956 (WOODHOUSE; DUFFEY, 2000, p. 123).

(FETHERSTON, 2000, p. 191). Atualmente, a quantidade do que se tem escrito acerca de tais dinâmicas é enorme. Contudo, destacam-se o pouco acordo relativamente à definições de termos (BURES, 2007, p. 3) e principalmente o alto enclausuramento das discussões acerca destas em si mesmas, como se estas fossem dinâmicas estanques e distantes de outras discussões, relacionando-se, assim, pouco com teorias das Relações Internacionais (BELLAMY, 2004, p. 2) e com a Ciência Política como um todo (PARIS, 2000, p. 1- 7).

Tais dinâmicas, contudo, são especialmente caras à área dos Estudos para a Paz e os Estudos dos Conflitos, uma vez que é justamente daí que vem os arcaísmos teóricos e terminológicos que fundamentam as mesmas (ROGERS; RAMSBOTHAM, 1999, p. 750; KNIGHT, 2003 apud PUREZA, 2008, p. 12). Porém, é a reflexão anestésica dos Estudos dos Conflitos e o seu foco nas implicações da teoria da resolução dos conflitos que parece prevalecer. Nesta problematização, o *peacekeeping* era, inicialmente, refletido como um mero dispositivo de “*conflict management, conflict containment or conflict suppression, dealing within symptoms and not concerned with fundamental resolution*” (RAMSBOTHAM; WOODHOUSE, 2000, p. 5).

Posteriormente, tal reflexão atenta-se para as questões mais fundamentais dos conflitos: as raízes de suas causas. Dentro dessa lógica, passa a se falar na consecução de outras atividades para além do simples cessar das hostilidades violentas entre Estados, incorporando a preocupação com a superação de estruturas políticas, econômicas e sociais que impediriam a satisfação de necessidades básicas dos indivíduos. Volta-se a preocupação, assim, para a resolução dos conflitos e não somente para a mera gestão destes (BURES, 2007, p. 9-10). Passa-se a falar assim em termos de *peacebuilding*. Em seguida, tal resolução passa a tomar forma de um tipo de resolução, tipo este, de carácter acentuadamente liberal. (RICHMOND, 2008a, p.101-105).

Neste entendimento, não somente a diferença entre “guerra e paz” é clara, como são nitidamente identificáveis as diferentes fases pelas quais passam os conflitos, para que dessa forma, diferentes estratégias e ferramentas possam ser acionadas (RYAN, 2000, p. 34; MIALL, RAMSBOTHAM; WOODHOUSE, 2005,

p. 11-14). Resulta-se daí uma grelha mental, no tocante às respostas aos conflitos e, conseqüentemente, às políticas no tocante à paz, faseada, linear e escalar. É justamente tal grelha de leitura que passa a alicerçar teoricamente as políticas públicas onusianas quanto a paz. Fato devidamente mostrado por Richmond em seu preciso paralelo entre as missões da ONU de primeira, segunda e terceira gerações; e conceitos como *conflict management*, *conflict resolution* e *peacebuilding* (2001, 2008a, p. 99-109). Grelha mental, possivelmente, visível de forma mais clara na ilustração da ONU relativamente ao relacionamento de suas atividades no tocante à paz (UN, 2008, p. 19), estas baseando-se, precisamente, nas fases de escalamento e declínio do conflito propostas por tal reflexão (RYAN, 2000, p. 34; RAMSBOOTHAM, WOODHOUSE; MIALL, 2005, p. 11-14).

Tais políticas públicas internacionais, nomeadamente o *peacekeeping* e o *peacebuilding*, apresentam-se enquanto respostas à concretas formulações teóricas anteriores desenvolvidas por Galtung, designadamente as violências direta e estrutural (1969), só que em âmbito global. Tendo seus focos, primariamente, em dimensões temporais distintas, porém complementares, têm como objetivo, a superação de ambas as violências indo da consecução de uma paz negativa para posteriormente uma paz positiva. Contudo, percebe-se que apesar de estar semanticamente ligados à paz, tais políticas encontram-se paradigmaticamente assentes no conflito (FREIRE; LOPES, 2008, p. 9).

Ao se assentar tal reflexão tendo como problemática basilar somente a resolução de conflitos, pode-se correr o risco de não se pensar com cuidado, ou mesmo, invisibilizar duas possíveis implicações importantes. A primeira é uma mentalidade e pensamento tecnicista relativamente à paz e a sua consecução; a segunda é justamente a não ponderação acerca de um outro tipo de violência proposto por Galtung, esta basilar, a violência cultural (GALTUNG, 1990) no tocante à paz em âmbito internacional. Em relação à primeira, a própria definição dada pelas Nações Unidas para o *peacekeeping* deixa poucas dúvidas: “a *technique* designed to preserve the peace” (UN, 2008, p. 18). Assim, a paz é conseguida por sucessivos incrementos técnicos e burocráticos, sendo a despolitização de todo o processo característica. Uma reflexão, para Bellamy, *problem-solving* da realidade (2004), que caracteriza-se por “*make the relationships and institutions found therein work*

*smoothly by dealing with particular sources of trouble*” (BELLAMY; WILLIAMS, 2004, p. 6). É Chandler, por exemplo, quem acuradamente expõe as perversas consequências de tal pensamento tecnicista relativamente ao *state-building*, atividade central do *peacebuilding*, e a sua decorrente criação de Estados-Fantasmas, onde os mesmos existem no papel, em termos jurídicos, contudo não são entes políticos independentes, possuidores do auto-governo e representativos de suas sociedades (2006, p. 43-47).<sup>10</sup>

Já a segunda implicação, a não problematização acerca da violência cultural, é talvez mais grave, pois é justamente a violência cultural que encobre e esconde as violências diretas e estruturais, fazendo com que estas “*look, even fell, right, or at least not wrong*” (GALTUNG, 1990, p. 291). Tem o poder, portanto, de fazer com que, por exemplo, o *peacekeeping* e o *peacebuilding* dificilmente sejam observados enquanto dinâmicas violentas no âmbito da paz internacional. Fetherston, por exemplo, chama a atenção para o perigo de se refletir acerca de tais dinâmicas somente dentro da problemática da resolução de conflitos, sob o risco de (re) produzir discursos do centro relativamente à formas de organização social (2000). Tornando difícil, portanto, se enxergar como violência, uma paz entendida como a institucionalização e organização social de cariz caracteristicamente liberais (RICHMOND, 2004). Uma paz, que em última análise, privilegia a uniformidade hegemônica à pluralidade de experiências, o silêncio da maioria à diversidade de vozes, o sossego e a ordem à multiplicidade de características.

### 3 A póscolonização da paz

A construção da paz pode, obviamente, ser analisada a partir de muitas perspectivas. Um posicionamento mais liberal, realista, marxista ou mesmo construtivista, iria se preocupar, respectivamente, em grande medida, com as instituições/normas, o correto equilíbrio de poder, as estruturas econômicas a serem superadas ou mesmo com a construção social da realidade enquanto analisando a construção da paz. Contudo, a centralidade basilar do Estado em tais reflexões

---

<sup>10</sup> Para mais relativamente à esta argumentação ver, por exemplo, também (Bickerton, 2007)

preveniria uma análise mais ampla e completa relativamente à paz. Uma abordagem informada pela Teoria Crítica, apesar de oferecer uma reflexão sofisticada, ser fundamentada na emancipação e aberta a diferentes atores e realidades, seu arraigado universalismo e tentativa de resgate de uma modernidade uma vez libertadora (RICHMOND, 2008a, p. 9-11, 80, 122) poderia ser insuficiente para uma reflexão realmente transformadora acerca da construção da paz.

Parece irônico que, apesar de se ter um maior entendimento e clareza de que o conhecimento de forma alguma separa-se da ação política, tenha-se produzido ainda relativamente pouco sobre como utilizá-lo enquanto instrumento para uma mudança global (DARBY, 2004, p. 4), especialmente no que toca a paz no nosso tempo. Considerando que partem-se de ontologias diferentes, resultando assim em epistemologias e consequentemente metodologias distintas, reflexões centradas no conflito ou na paz; possivelmente, originariam-se outras dinâmicas, ponderações assentes, por exemplo, na emancipação.<sup>11</sup> Nesse sentido, esta secção objetiva justamente delinear quais seriam alguns possíveis contributos<sup>12</sup> obtidos por uma reflexão acerca da paz dentro de uma problemática póscolonial,<sup>13</sup> tentando, dessa forma, a busca de uma diferente lente acerca da mesma.

---

<sup>11</sup> Neste ensaio entendida a partir da reflexão de Bellamy dos textos de Ken Booth e Richard Wyn-Jones, como “the freeing of individuals from constraints that prevent them pursuing their own vision of the good life in ways that do not inhibit others from doing likewise” (BELLAMY, 2004, p. 26).

<sup>12</sup> Dado o espaço do ensaio, não será objeto de análise um preciso delineamento do campo de estudo, suas inúmeras correntes ou mesmo historicidade do mesmo. Para tal, ver, por exemplo (GANDHI, 1998; MCLEOD, 2000; YOUNG, 2001, 2003; ASHCROFT, GRIFFITHS; TIFFIN, 2005). Para principais argumentos de críticas ao campo de estudos, ver, por exemplo (RATTANSI, 1997; LÓPEZ, 2001, p. 9-16; BUSH, 2006, p. 56-61).

<sup>13</sup> Apesar da terminologia ainda estar sob grande debate (AHLUWALIA, 2001, p. 1), será utilizado o termo pós-colonial na referência a um particular período do tempo, uma época, no sentido de “após colonialismo” ou mesmo “após independência”. Já o termo póscolonial, sem hífen, se referenciará à “disparate forms of representations, reading practices and values that can circulate across the barriers between colonial rule and national independence”. Dessa forma o termo não fica preso à categorias de datas e períodos históricos, e ainda mantém-se firmemente referenciado à experiências históricas concretas (MCLEOD, 2000, p.5). Para utilização do termo “póscolonial” para ambas as situações ver, por exemplo (RATTANSI, 1997).

Pode-se dizer que o pensamento póscolonial em nada tem de monolítico, muito pelo contrário, trata-se de uma reflexão que incorpora um largo espectro de tópicos e variadas disciplinas (CASTLE, 2001 apud BUSH, 2006, p. 54). Tal incorporação faz com que este seja um campo de estudos diverso em termos de suas perspectivas teóricas (HILL, 2005, p. 140-141). Perspectivas essas que começam com o Orientalismo de Said (1978), este altamente influenciado por reflexões aparentemente contraditórias de Foucault e Gramsci (MCLEOD, 2000, p. 21); e que continuam, por exemplo, com abordagens feministas (MOHANTY, RUSSO; TORRES, 1991; SULERI, 1992; MOHANTY; ALEXANDER, 1997), psicanalistas (BHABHA, 1990, 1994) e marxistas (SPIVAK, 1987; AHMAD, 1992). São apropriados pelo póscolonialismo, também, análises anti-coloniais, como por exemplo, (SENGHOR, 1962; FANON, 1963; DUBOIS, 1964; SENGHOR, 1964; DUBOIS, 1965; FANON, 1986).

Tamanha pluralidade, entretanto, pode ser visto pelo pensamento ortodoxo, pregador de um absolutismo dogmático em termos ontológicos, epistemológicos e metodológicos, como fraqueza, ou mesmo imaturidade do campo teórico. Contudo, é precisamente em tal multiplicidade e diversidade reflexiva da problemática póscolonial que reside o seu maior potencial transformador. Esta assenta-se, originalmente, em uma série de lutas e movimentos políticos concretos contra o colonialismo (YOUNG, 2001). Assim, o póscolonialismo não se trata de algo distante, criado e confinado entre os muros acadêmicos, mas sim de um projeto tanto intelectual quanto político (GREGORY, 2004, p. 8).

Dessa forma, o que une as diversas perspectivas que fundamentam a crítica póscolonial é justamente o seu atento foco às forças de opressão e dominação que operam no mundo, seja em termos de colonialismo e neocolonialismo, ou também em termos de raça, sexo,<sup>14</sup> nacionalismos, classes e etnias, buscando assim, *“to develop new forms of engaged theoretical work that contributes to the creation of dynamic ideological and social transformation”* (YOUNG, 2001, p. 11). Esta constitui-se, portanto, de uma *“directed intellectual production that seeks to articulate itself with different forms of emancipatory politics”*, objetivando “[...]”

---

<sup>14</sup> No sentido de *gender*.

*the creation of equal access to material, natural, social and technological resources, [and] the contestation of domination, whether economic, cultural, religious, ethnics or gendered*” (CABRAL, 1969 apud YOUNG, 2001, p. 11). Aqui, percebe-se não somente a recusa do distanciamento entre o observador e a realidade, mas, principalmente, a clara indissociabilidade da investigação e da ação e, por conseguinte, da transformação.

O póscolonialismo é também especialmente sensível às relações entre poder e cultura e, obviamente, conhecimento e poder. Mais, no poder e formas, que culturas metropolitanas constroem outras culturas como “outras” (GREGORY, 2004, p. 8); e no como estas são representadas (DARBY, 2004, p. 386). Preocupa-se assim, com a hierarquização advinda de tal diferenciação e na relação de dominação e resistência (DARBY; PAOLINI, 1994, p. 375) deste relacionamento. Com atenção não somente no delineamento da dominação mas também na criação de formas do subalterno<sup>15</sup> falar e ser ouvido, tanto local quanto globalmente. Com isso, este é “*repositioned and empowered [...] in overcoming an enduring position of otherness and subordination*” (DARBY; PAOLINI, 1994, p. 375), inevitavelmente contribuindo para um aumento no número de vozes e, conseqüentemente, espaços, tempos e experiências audíveis, visíveis e, portanto, existentes. Mais do que simplesmente tornar visível, o póscolonialismo, ao questionar a dominação da modernidade Ocidental, busca subverter as categorias mentais e intelectuais da academia eurocêntrica (DARBY ; PAOLINI, 1994, p. 377).

Tamanha força reflexiva e transformadora parece chocar-se com a apática ortodoxia das Relações Internacionais.<sup>16</sup> Estas, por serem solidamente situadas em um específico espaço e tempo, intrinsecamente eurocêntrico e moderno (WALKER, 1993), acabam por (re)produzir e, conseqüentemente, centrar-se em preocupações do Norte. Assim, a incorporação de preocupações mais alargadas,

---

<sup>15</sup> Termo advindo das reflexões de Gramsci, para mais sobre a utilização do termo, ver, por exemplo (MCEWAN, 2008, p.16)

<sup>16</sup> Acompanhando uma convenção não escrita do corpo bibliográfico e da disciplina, são aqui utilizadas letras maiúsculas para referir-se ao campo acadêmico (Relações Internacionais), enquanto minúsculas para se referir às relações em geral que se desenrolam no plano internacional.

nomeadamente do Sul, necessariamente têm que vir por meio de problemáticas sensíveis à outras temporalidades, outros espaços, aos subalternos. Com tal objetivo, tem-se dado um movimento, ainda que lento, de aproximação da problemática póscolonial e as Relações Internacionais (DARBY; PAOLINI, 1994; DARBY, 1997; PAOLINI, 1999; GEETA; NAIR, 2002; DARBY, 2004, 2006; JONES, 2006; SETH, 2007).<sup>17</sup>

Seguindo esta aproximação, por que não (re)pensar, ancorando-se em tal reflexão aberta e transformadora, a paz no nosso tempo? Ao tentar resgatar o sentido emancipatório do Estudos para a Paz na atualidade, faz-se necessário combater a sua cooptação por parte do discurso dominante de paz que utiliza-se do mesmo como instrumento legitimador de suas práticas (PUREZA; CRAVO, 2005). Tal dinâmica cooptadora é o que Gramsci chama de *trasformismo*, sendo este utilizado “as a strategy of assimilating and domesticating potentially dangerous ideas by adjusting them to policies of the dominant coalition and can thereby obstruct the formation of [...] organized opposition to established social and political power” (COX, 1983, p. 167). Seguindo a proposta central do pensamento póscolonial de “disrupt hegemonic power in all forms” (KAPOOR, 2008, p.14), nada descabido seria situar a reflexão e a procura por alternativas à paz hegemônica do nosso tempo, a paz liberal,<sup>18</sup> dentro de tal problemática.

O paralelo entre o *peacebuilding* e o colonialismo com sua “mission civilizatrice” já não mais é novidade para o olhar atento e pensamento crítico (PARIS, 2002). Este fato já seria o suficiente para fazer daquele objeto de análise natural para o pensamento pócolonial. Contudo, o contributo de uma reflexão acerca da paz fundamentada em um entendimento póscolonial acerca do mundo assenta-se nomeadamente em três dimensões. Primeiramente, na capacidade de reflexão acerca de um espectro maior de violências do que o problematizado pelo

---

<sup>17</sup> Uma temática onde tal aproximação faz-se, talvez, de maneira um pouco mais frequente é a do desenvolvimento. Para tal, ver por exemplo (SYLVESTER, 1999; SIMON, 2006; KAPOOR, 2008; MCEWAN, 2009). É percebido também, por exemplo, um esforço de problematizar a disciplina assentando-se em ideias expostas por Edward Said, para tal, ver (BISWAS, 2007; CHOWDHRY, 2007; DUVALL; VARADARAJAN, 2007; LING, 2007; NAIR, 2007).

<sup>18</sup> Para mais acerca da mesma, ver (DUFFIELD, 2001; PARIS, 2004; RICHMOND, 2007).

pensamento da resolução de conflitos; em segundo lugar, na possibilidade de se pensar a paz fora de um aprisionamento mental binário; por último, na primazia e voz dada por tal pensamento à quem muitas vezes na reflexão acerca da paz internacional é secundário e marginal, o subalterno.

Um enorme potencial crítico e força transformadora da problemática pós-colonial no que toca a paz advém talvez, da sua capacidade de observar, expor, refletir e combater as três violências apresentadas por Galtung: a direta, a estrutural e a cultural, dentro de uma mesma problemática. Como visto na secção anterior, a problemática da resolução de conflitos vem tentar dar resposta às violências diretas e estruturais; contudo, marginaliza, ou mesmo invisibiliza, a questão da violência cultural. Dessa forma, a reflexão acerca das políticas públicas de paz passam a não questionar as mesmas enquanto violências. Dentro da problemática póscolonial, tal preocupação é inerente a mesma.

Por fundar-se em movimentos políticos concretos e pensamento plural, a reflexão póscolonial é acostumada a combater diferentes tipos de violências ao longo da história. Reflete e luta contra violências diretas e bem visíveis como, por exemplo, as atividades ocorridas na periferia inerentes à prática do colonialismo. Confronta uma violência talvez para algumas reflexões, mais difusa, contudo estrutural, que é o imperialismo enquanto sistema político internacional orquestrado do centro, assim como evidencia as violências presentes com o surgimento do neocolonialismo (YOUNG, 2001, p. 17-56). É sensível, também, à violências ainda mais subliminares e para muitas reflexões invisíveis, como o patriarcado, ou mesmo presente dentro da própria linguagem. É capaz de enxergar a violência presente, por exemplo, no termo “América Latina”,<sup>19</sup> ou por que não “Estados Falhados”.<sup>20</sup>

Sob essa ótica, não somente é possível observar a violência na aplicação das políticas públicas internacionais no terreno, seja em termos de *peacekeeping*,

---

<sup>19</sup> Termo que remete, por exemplo, à ocupação francesa, portuguesa e espanhola da região, uma vez que as culturas e línguas locais, obviamente, não advém do Latim (GREGORY, 2004, p.264).

<sup>20</sup> É Hill, por exemplo, quem problematiza sob uma problemática póscolonial o termo e consequente representação do outro advinda desta (2005).

*peacebuilding*, ou mesmo *state-building* advindas do relacionamento entre as partes envolvidas. Mas também, pode-se compreender, por exemplo, a violência presente na arquitetura de paz internacional, quando ao centrar-se na propagação de um tipo de governação, trata-se da institucionalização de lógicas estruturantes do centro, relativamente à economia e à política (RICHMOND, 2004), na periferia do sistema internacional. Tratando-se, portanto, de um relacionamento perverso entre ambos. Além disso, faz-se possível também problematizar a representação da periferia por parte do centro, para que as terapêuticas internacionais sejam não somente legítimas como necessárias.

Se a possibilidade de enxergar e combater os três tipos de violência pensados por Galtung dentro de uma só problemática abre um enorme espaço para a reflexão e transformação no tocante à paz, tal possibilidade é alargada com a capacidade do pensamento póscolonial em pensar de forma não-binária. É notório que o pensar acerca da paz atualmente é estruturado ao redor de opostos binários antigos ao pensamento moderno; “*liberal-iliberal, peace-war, modern-traditional, developed-underdeveloped, civilized-barbaric*” (LIDÉN, 2009, p. 3-4), dentro-fora, masculino-feminino, público-privado. É sabido também, que ao mobilizar tal dicotomia, o privilégio e a hierarquia de um termo sob o outro é intrínseco (DEBRIX, 2003, p. 20).

Dessa forma, ao sair desta limitação, e entender que tal caracterização e por conseguinte polarização são na verdade construídas e produtos de uma relação concreta e íntima entre poder e conhecimento, que em última análise buscam a manutenção de uma certa ordem social, o entendimento póscolonial amplia largamente o espectro possível de paz. Assim, faz-se possível enxergar diferentes experiências, ouvir múltiplas vozes, refletir distintas realidades, para com isso melhor agir relativamente à uma transformação social. Além disso, ao se observar a hierarquia social e buscar dar voz e fazer ouvido o subalterno, o entendimento póscolonial amplia ainda mais a possibilidade de pensamento alternativo e resistência à uma paz hegemônica.

A problemática póscolonial coloca como protagonista aquele que no pensamento ortodoxo é um mero receptor de fórmulas já prontas e duas poderosas

consequências são daqui advindas. A primeira delas é a ampliação da própria ontologia da paz. Com a liberação de tal aprisionamento epistemológico somado ao alargamento de realidades e vivências “visíveis” e “audíveis”, a paz passa a ser mais que um simples entendimento liberal da realidade. Consegue-se assim, buscar um olhar mais atento acerca de práticas e dinâmicas que o pensamento ortodoxo constrói como não-paz, ou pior, como não-existente. Em um segundo momento, passa-se a ter um vasto potencial para a construção da mesma. A construção da paz passa assim a ser invariavelmente plural e multifacetada. Passa a existir somente relações entre sujeitos, ao invés de relações entre sujeitos e objetos, característica da imposição da paz liberal, onde ao local resta apenas a implementação de idéias externas relativamente à paz (SUHRKE, 2007, p. 1292).

Dessa forma, a problemática póscolonial desfigura a estruturação das posições hierárquicas dos atores envolvidos na construção da paz e preocupa-se em *“how analyses and research might help clear a way for [...] subaltern peoples to escape from being pawns in games of power politics or forced to submit to living according to other peoples’ designs”* (DARBY, 2004, p. 13). Com isso, passa-se a ter a possibilidade de uma dinâmica de paz para além de uma paz cujo cerne é o silêncio, a ordem e a contingência (DUFFIELD, 2007). Tal reflexão passa assim a incluir outros níveis de análise, neste caso, micro, assim como incorporar outras preocupações, nomeadamente a do cotidiano, da vida do dia-a-dia (BLEIKER, 2008). Ao colocar em igualdade diferentes vozes e experiências, passa-se a ter respiração as singularidades locais e também a possibilidade de pazes mais condizentes com diferentes realidades, algo desprezado pelo modelo onusiano (PUREZA; CRAVO, 2005, p.12). Em última análise, a paz e a construção da mesma, inevitavelmente, passam a ser mais que o simples fordismo onusiano.

#### **4 Conclusão**

É patente que a problemática da resolução de conflitos é basilar na reflexão e formulação de políticas públicas no que toca a paz atualmente. Problemática essa que leva a paz a ser pensada em termos técnicos, burocráticos, meramente gerenciais. A paz seria assim, conseguida e construída pela cega implementação local de

*check-lists* de procedimentos elaborados externamente. Além disso, tal problemática deixa de fora todo um questionamento acerca da violência cultural que inevitavelmente invisibiliza a violência das próprias políticas públicas internacionais e, por conseguinte, as naturalizando.

Dessa forma, se por um lado “the real political task in a society such as ours is to criticize the working of institutions which appear to be both neutral and independent” (FOUCAULT; RABINOW, 1984, p. 6), por outro, necessita-se de um “pensamento alternativo de alternativas” (SANTOS, 2007, p. 20) relativamente à paz. Assim, talvez por meio da reflexão da mesma assentando-se em uma problemática póscolonial, se possa pavimentar tal caminho. O potencial transformador de tal problemática é enorme devido suas principais características. Primeiramente, fundamenta-se em movimentos políticos concretos e tem em seu cerne a emancipação. Consequentemente, tem como objetivo a quebra e superação de todos os tipos de poderes hegemônicos. Além disso, da poder ao subalterno, não somente tornando-o protagonista, mas também trazendo para o cerne da reflexão acerca da paz as suas preocupações. Faz-se também possível um refletir acerca da paz para além das simples oposições de binários. Por último, é uma problemática que confortavelmente conjuga a reflexão das três violências pensadas por Galtung, para assim melhor combater-las.

Dentro de tal perspectiva, abre-se um grande escopo para a investigação acerca da paz. Investigação esta devendo, necessariamente, ser pautada em um pluralismo metodológico e conceitual. Assim, deve-se ter atenção para a conjugação de métodos e conceitos aparentemente distantes das Relações Internacionais, como por exemplo, a utilização do método etnográfico da Antropologia para um melhor entendimento das sociedades em que tais atividades de construção da paz tomam corpo. Dessa forma, são abertos flancos tanto em termos ontológicos, quanto epistemológicos e metodológicos. Contudo, talvez o principal acerto em centrar tal reflexão na problemática póscolonial seja o resgatar do espírito emancipatório dos Estudos para a Paz, trazendo-o para sua vocação nata. Tal vocação

sendo a observação, denúncia, reflexão e oposição a todo e qualquer tipo violência e a construção de uma paz sustentável. Esta, inevitavelmente ampla, aberta e plural, reflexo consequente da multiplicidade de vozes e agentes da sua construção.

## **Postcolonizing the peace?: the pursue of a new perspective**

### **Abstract**

It is notorious the large and increasing material and intellectual efforts that are dedicated to conflict transformation and to the construction of peace throughout the globe in our time. It is also patent the centrality of the UN in the formulation as much as in the implementation of public policies concerning the international peace. These public policies - namely the peacekeeping, peacebuilding and the state-building - are highly based on the conflict resolution problematic, thus having as its paradigmatic core the conflict even though being directed to peace. This problematic can bring some dangerous consequences concerning the reflection about peace, namely a technical and bureaucratic reflection about it; or even not problematizing these dynamics as violences. Here lays the core of this article. Its objective is, from a critical position, to discuss and to deconstruct the UN response to the conflicts around the globe. It aims to observe the possible contributions of a reflection about the peace, resting in a different problematic: the postcolonial reflection. This reflection has as its paradigmatic core the emancipation instead of the conflict. In this way, it is open the possibility to a reflection about peace that is sensitive to a much larger number of violences, that breaks a binary logic and gives voice and a protagonist role to whom is normally the mere in locu executer of outside reflections about peace, or even excluded from its construction. As a result, it seems possible to begin a reflection about peace that lays foundations to the construction of a more sustainable peace, invariably more plural and inclusive than the liberal peace.

**Keywords:** Peacebuilding. Peacekeeping. Conflict Transformation. Conflict Resolution. Postcolonialism

## Referências

AHLUWALIA, Pçllçal. *Politics and post-colonial theory: african inflections*. London: Routledge, 2001

AHMAD, Aijaz. *Theory: classes, nations, literatures*. London: Verso, 1992.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen (Ed.). *The post-colonial studies reader*. London: Routledge, 2005.

BELLAMY, Alex J. The 'next stage' in peace operations theory?. *International Peacekeeping*. Londres, v. 11, n. 1, p. 17-38, mar., 2004.

BELLAMY, Alex; WILLIAMS, Paul. *Introduction: thinking anew about peace operations*. *International Peacekeeping*. Londres, v. 11, n. 1, p. 1-15, mar., 2004.

BHABHA, Homi K (Ed.). *Nation and Narration*. London: Routledge, 1990.

BHABHA, Homi K. *The Location of Culture*. London: Routledge, 1994.

BICKERTON, Christophe. State-Building: exporting State-Failure. In: BICKERTON, Cunliffe; GOUREVITCH (Ed.). *Politics without Sovereignty: a critique of contemporary international relations*. London: University College London Press, 2007. p. 93-111.

BISWAS, Shampa. Empire and Global Public Intellectuals: reading edward said as an international relations theorist. *Millennium: journal of international studies*, Londres, v. 36, n. 1, p. 117-133, dez., 2007.

BLEIKER, Roland. Traversing Patagonia: new writings on postcolonial international relations. *Political Theory*, v. 36, n. 2, p. 313-320, Abril, 2008.

BRAHIMI, Lakhadar. State building in crisis and post-conflict countries, In: GLOBAL FORUM ON REINVENTING GOVERNMENT, 7., 2007, Viena. *Building Trust in Government*. Disponivel em: <<http://unpan1.un.org/intradoc/groups/public/documents/UN/UNPAN026305.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2008.

BURES, Oldrich. Wanted: a mid-range theory of international peacekeeping. *International studies review*, Oxford, 3, n. 9, p. 407-436, Outono, 2007.

BUSH, Barbara. *Imperialism and postcolonialism*. Harlow: Longman , 2006.

CHANDLER, David. The responsibility to protect? Imposing the 'Liberal Peace. *International Peacekeeping*, Londres, v. 11, n. 1, p. 59-81, Março, 2004.

CHANDLER, David. *The Empire in Denial: the politics of state-building*. London: Pluto Press, 2006.

CHOWDHRY, Geeta. Edward Said and Contrapuntal Reading: implications for critical interventions in international relations. *Millennium: journal of international studies*. Londres, v. 36, n. 1, p. 101-116, Dezembro, 2007.

COX, Robert. Social forces, states and world orders: beyond international relations theory. *Millennium: journal of international studies*. Londres, v. 10, n. 2, p.126-155, Junho, 1981.

COX, Robert Gramsci. Hegemony and international relations: an essay in method. *Millennium: journal of international studies*, Londres, v. 12, n. 2, p. 162-175, Junho, 1983.

DANIEL, Donald; TAFT, Patricia; WIHARTA, Sharon (Ed.). *Peace Operations: trends, progress, and prospects*. Washington: University Press, 2008.

DARBY, Phillip (Ed.). *At the edge of international relations: postcolonialism, gender and dependency*. London: Pinter, 1997.

DARBY, Phillip. Pursuing the political: a postcolonial rethinking of international relations. *Millennium: journal of International Studies*, Londres, v. 33, n. 1, p. 1-32, Janeiro, 2004.

DARBY, Phillip (Ed.). *Postcolonizing the international: working to change the way we are*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2006.

DARBY, Phillip; PAOLINI, A. J. Bridging international relations and postcolonialism. *Alternatives: global, local, political*. Boulder, v. 19, n. 3, p. 371-397, Julho, 1994.

DEBRIX, François. Language, nonfoundationalism, international relations. In: DEBRIX, François (Ed.). *Language, agency, and politics in a constructed world*. London: M. E. Sharpe, 2003. p. 3-25.

DUBOIS, W. E. B. *Black reconstruction in America: an essay towards a history of the part which black folk played in the attempt to reconstruct democracy in america, 1860-1880*. Cleveland: World Publishing, 1964.

DUBOIS, W. E. B. *The suppression of the african slave trade to the united states of america: 1638-1870*. New York: Russell, 1965.

DUFFIELD, Mark. *Global governance and the new wars*. London: Zed Books, 2001.

DUFFIELD, Mark. *Development, security and unending war: governing the world of peoples*. Cambridge: Polity Press, 2007.

DUVALL, Raymond; VARADARAJAN, Latha. Traveling in paradox: edward said and critical international relations. *Millennium: journal of International Studies*. Londres, v. 36, n. 1, p. 83-99, Dezembro, 2007.

FANON, Frantz. *The wretched of the earth*. London: Penguin, 1963.

FANON, Frantz. *Black skin, white masks*. London: Pluto Press, 1986.

FETHERSTON, A. B. Peacekeeping, conflict resolution and peacebuilding: A reconsideration of theoretical frameworks, *International Peacekeeping*. Londres, v. 7, n. 1, p. 190-218, Março, 2000.

FORTNA, Virginia Page; HOWARD, Lise Morje. Pitfalls and prospects in the peacekeeping literature. *Annual Review of Political Science*, Palo Alto, v. 11, n. 2, p. 283-301, Junho, 2008.

FREIRE, Raquel; LOPES, Paula. *Rethinking peace and violence*. Apresentado em: WISC 2nd Global International Studies Conference. Slovenia. Disponível em: <<http://www.wiscnetwork.org/getpaper.php?id=255>>. Acesso em: 26 Julho 2008.

GALTUNG, Johan. Violence, peace, and peach research. *Journal of Peace Research*, Oslo, 6, n. 3, p. 167-191, 1969.

GALTUNG, Johan. Cultural Violence. *Journal of Peace Research*, Oslo, 27, n. 3, p. 291-305, Agosto, 1990.

GANDHI, Leela. *Postcolonial theory: a critical introduction*. New York: Columbia University Press, 1998.

GEETA, Chowdhry; NAIR, Sheila (Ed.). *Power, postcolonialism and international relations: reading race, gender and class*. London: Routledge, 2002.

GREGORY, Derek. *The Colonial Present*. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

HELDT, Birger. Trends from 1948 to 2005: how to view the relation between the united nations and non-un entities. In: DANIEL, Donald; TAFT, Patricia; WIHARTA, Sharon (Ed.). *Peace operations: trends, progress, and prospects*. Washington: Georgetown University Press, 2008.

HILL, Jonathan. Beyond the Other?: a postcolonial critique of the failed state thesis. *African Identities*, v. 3, n. 2, p.139-154, Outubro, 2005.

JONES, Branwen Gruffydd (Ed.). *Decolonizing international relations*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2006.

KAPOOR, Ilan. *The postcolonial politics of development*. Oxon: Routledge, 2008.

LIDÉN, Kristoffer. *Peace, self-governance and international engagement: a postcolonial ethic of liberal peacebuilding*. Apresentado em: INTERNATIONAL STUDIES ASSOCIATION 50TH ANNUAL CONVENTION, Fevereiro, 2009, New York.

LING, L.H.M. Said's exile: strategic insights for postcolonial feminists. *Millennium: journal of international studies*, Londres, v. 36, n. 1, p. 135-145. Dezembro, 2007.

LÓPEZ, Alfred J. *Posts and pasts: theory of postcolonialism*. New York: State University of New York, 2001.

MANNING, Carrie. Local level challenges to post-Conflict Peacebuilding. *International Peacekeeping*, Londres, v. 10, n. 3, p. 25-43. Agosto, 2003.

McEWAN, Cheryl. *Postcolonialism and development*. New York: Routledge, 2008.

McEWAN, Cheryl. *Postcolonialism and development*. Oxon: Routledge, 2009.

McLEOD, John. *Beginning postcolonialism* Manchester: University Press, 2000.

MIALL, Hugh; RAMSBOTHAM, Oliver; WOODHOUSE, Tom. *Contemporary conflict resolution*. Cambridge: Polity Press, 2005.

MOHANTY, Chandra Talpade; ALEXANDER, M. Jacqui (Ed.). *Feminist genealogies, colonial legacies, democratic futures*. London: Routledge, 1997.

MOHANTY, Chandra Talpade; RUSSO, Ann; TORRES, Lourdes M. (Ed.). *Third world women and the politics of feminism*. Bloomington: Indiana University Press, 1991.

NAIR, Sheila. Edward w. said and international relations. *Millennium: journal of international studies*, Londres, v. 36, n. 1, p. 77-82, Dezembro, 2007.

PAOLINI, Albert J. *Navigating modernity: postcolonialism, identity and international relations*. Boulder: Lynne Rienner, 1999.

PARIS, Roland. Broadening the study of peace operations. *International Studies Review*, Oxford, v. 2, n. 3, p. 27-44, Outono, 2000.

PARIS, Roland. International peacebuilding and the 'mission civilisatrice' *Review of international studies*, Oxford, 28, n. 4, p. 637-656, Outubro, 2002.

PARIS, Roland. *At war's end: building peace after civil conflict*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

PARIS, Roland; SISK, Timothy (Ed.). *The dilemmas of statebuilding: confronting the contradictions of postwar peace operations*. New York: Routledge, 2009.

PUGH, Michael. Peacekeeping and critical theory. *International peacekeeping*, Londres, v. 11, n. 1, p. 39-58, Março, 2004.

PUREZA, José Manuel. *Para que servem os estudos para a paz?*. Apresentado em: Conferência Internacional - CAMINHOS DE FUTURO: NOVOS MAPAS PARA

AS CIÊNCIAS SOCIAIS, Junho 2008, Coimbra.

PUREZA, José Manuel; CRAVO, Teresa. Margem crítica e legitimação nos estudos para a paz. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, v. 71, p. 5-19. June. 2005.

RABINOW, Paul (Ed.). *The foucault reader*. London: Penguin Books, 1984.

RAMSBOTHAM, Oliver; WOODHOUSE, Tom. Introduction. *International peacekeeping*, Londres, v. 7, n. 1, p.1-7, Março, 2000.

RAMSBOTHAM, Oliver; WOODHOUSE, Tom; MIALL, Hugh. *Contemporary conflict resolution*. Cambridge: Polity Press, 2005.

RATTANSI, Ali. Postcolonialism and its discontents. *Economy and society*, v. 26, n. 4, p. 480-500, Novembro, 1997.

RICHMOND, Oliver. A genealogy of peacemaking: the creation and re-creation of order. *Alternatives: global, local, political*, Boulder, v. 26, n. 3, p. 317-349, Julho, 2001.

RICHMOND, Oliver. UN peace operations and the dilemmas of the peacebuilding consensus. *International peacekeeping*, Londres, v. 11, n. 1, p. 83-101, Março, 2004.

RICHMOND, Oliver. *The transformation of peace*. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

RICHMOND, Oliver. *Peace in international relations*. Abingdon: Routledge, 2008a

RICHMOND, Oliver. Reclaiming peace in international relations. *Millennium: journal of international studies*, Londres, v. 36, n. 3, p. 439-470, Maio, 2008b.

ROGERS, Paul; RAMSBOTHAM, Oliver. Then and now: peace research: past and future. *Political studies*, v.47, n. 4, p. 740-754, Fevereiro, 1999.

RYAN, Stephen. United nations peacekeeping: a matter of principles?. *International peacekeeping*, Londres, v. 7, n. 1, p. 27-47, Março, 2000.

SAID, Edward. *Orientalism: western conceptions of the orient*. London: Penguin, 1978.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Revista crítica de ciências sociais*, Coimbra, v. 78, p. 3-46. Outubro. 2007.

SENGHOR, Leopold Sedar. *Nationhood and the road to african socialism*. Paris: Presence Africaine, 1962.

SENGHOR, Leopold Sedar. *Liberte I: negritude et humanisme*. Paris: Presence Africaine, 1964.

SETH, Sanjay. *Postcolonial theory and the discipline of international relations*. Apresentado em: *International studies association 48th annual convention*, 2007, Chicago.

SIMON, David. Separated by common ground?: bringing (post) development and (post)colonialism together. *The geographical journal*, local?, v. 172, n. 1, p.10-21, Março, 2006.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *In other worlds: essays in cultural politics*. London: Routledge, 1987.

SUHRKE, Astri. Reconstruction as modernisation: the 'post-conflict' project in afghanistan. *Third world quarterly*, v. 28, n. 7, p. 1291-1308, Outubro, 2007.

SULERI, Sara. Woman skin deep: feminism and the postcolonial condition. *Critical inquiry*, Chicago, v. 18, n. 4, p. 756-769, Verão, 1992.

SYLVESTER, Christine. Development studies and postcolonial studies: disparate tales of the third world. *Third world quarterly*, v. 20, n. 4, p. 703-721. Agosto, 1999.

UNITED NATIONS. *An Agenda for Peace*. 17 Junho. 1992. A/47/277 - S/24111. Disponível em: < <http://www.un.org/Docs/SG/agpeace.html> >, [10th November 2008]. Acesso em: 29 set. 2009.

UNITED NATIONS. Supplement to an agenda for peace. 3 Jan. 1995. A/50/60 - S/1995/1. Disponível em: <<http://www.un.org/Docs/SG/agsupp.html>>. Acesso em: 15 Nov. 2008.

UNITED NATIONS. Report of the Panel on United Nations Peace Operations. 21 Ago. 2000. A/55/305-S/2000/809. Disponível em: < <http://secint24.un.org/documents/ga/docs/55/a55305.pdf> >. Acesso em: 13 Dec. 2008.

UNITED NATIONS. United Nations Peacekeeping Operations Principles and Guidelines. 18 Jan. 2008. Disponível em: <[http://pbpu.unlb.org/PBPS/Library/Capstone\\_Doctrine\\_ENG.pdf](http://pbpu.unlb.org/PBPS/Library/Capstone_Doctrine_ENG.pdf)>. Acesso em: 04 May 2009.

UNITED NATIONS. UN Security Council Resolution 1645. 20 Dec. 2005. S/RES/1645. Disponível em: < [http://www.un.org/peace/peacebuilding/Security%20Council/Resolutions/Post-Conflict%20peacebuilding%20S%20201645%20\(2005\).pdf](http://www.un.org/peace/peacebuilding/Security%20Council/Resolutions/Post-Conflict%20peacebuilding%20S%20201645%20(2005).pdf) >. Acesso em: 04 May 2009.

UNITED NATIONS. UN Security Council 5895th Meeting SC/9333. 20 May 2008. Disponível em: <<http://www.un.org/News/Press/docs/2008/sc9333.doc.htm>>. Acesso em: 04 May 2009.

WALKER, R. B. J. *Inside/outside: international relations as political theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

WIBERG, Håkan. Investigação para a paz: passado, presente e futuro. *Revista crítica de ciências sociais*, Coimbra, n.71, p. 21-42, Junho, 2005.

WOODHOUSE, Tom; DUFFEY, Tamara. *Peacekeeping and international conflict resolution*. New York: UNITAR POCI, 2000.

YOUNG, Robert J. C. *Postcolonialism: an historical introduction*. Malden: Blackwell Publishers Inc, 2001.

YOUNG, Robert J. C. *Postcolonialism: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

